

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

JULHO DE 1867

Nº 7

Breve Excursão Espírita

A Sociedade de Bordeaux, reconstituída, como dissemos em nosso número precedente, reuniu-se este ano, como no ano passado, num banquete no dia de Pentecostes, banquete simples, digamos logo, como convém em semelhante circunstância, e a pessoas cujo objetivo principal é encontrar uma ocasião para se reunirem e estreitarem os laços de confraternidade; a pesquisa e o luxo aí seriam uma insensatez.

A despeito das ocupações que nos retinham em Paris, pudemos atender ao amável e insistente convite que nos foi feito para nele tomar parte. O do ano passado, que era o primeiro, não havia reunido mais que trinta convivas; no deste ano havia quatro vezes mais, alguns dos quais vindos de grande distância; Toulouse, Marmande, Villeneuve, Libourne, Niort e até Carcassonne, que fica a oitenta léguas, aí tinham seus representantes. Todas as classes da sociedade estavam confundidas numa comunhão de sentimentos; aí se encontravam o artífice, o agricultor ao lado do burguês, do negociante, do médico, dos funcionários, dos advogados, dos homens de ciência, etc.

Seria supérfluo acrescentar que tudo se passou como devia ter se passado, entre gente que tem por divisa: “Fora da caridade não há salvação”, e que professa a tolerância por todas as opiniões e todas as convicções. Por isso, nas alocuções de circunstância que foram pronunciadas, nem uma palavra foi dita que pudesse ferir a mais sombria susceptibilidade; se os nossos maiores adversários aí se encontrassem, não teriam ouvido uma palavra, nem uma alusão que lhes dissesse respeito.

A autoridade se havia mostrado cheia de benevolência e de cortesia em relação a essa reunião, pelo que lhe devemos agradecer. Ignoramos se estava representada de maneira oculta, mas certamente pôde convencer-se, como sempre, de que as doutrinas professadas pelos espíritas, longe de ser subversivas, são uma garantia de paz e de tranqüilidade; que a ordem pública nada tem a temer de gente cujos princípios são os do respeito às leis, e que, em nenhuma circunstância, cedeu às sugestões dos agentes provocadores que buscavam comprometê-la. Sempre foram vistos retirando-se e se abstendo de toda manifestação ostensiva, todas as vezes que temeram que eles fossem tomados como motivo de escândalo.

É fraqueza de sua parte? Não certamente; ao contrário, é a consciência da força de seus princípios que os torna calmos e a certeza, que têm, da inutilidade dos esforços tentados para os abafar; quando se abstêm, não é para se porem em segurança, mas para evitar o que pudesse respingar sobre a doutrina. Sabem que ela não necessita de demonstrações exteriores para triunfar. Vêem suas idéias germinando em toda parte, propagando-se com uma força irresistível; por que precisariam fazer barulho? Deixam esse encargo aos seus antagonistas que, por seus clamores, ajudam a propagação. Mesmo as perseguições são o batismo necessário de todas as idéias novas um pouco grandes; em vez de as prejudicar, dão-lhe vigor. Mede-se a sua importância pela obstinação com que a combatem. As idéias que não se aclimatam senão à força de

reclamos e de exhibições têm apenas uma vitalidade factícia e de curta duração; as que se propagam por si mesmas e pela força das coisas têm vida em si, e são as únicas duráveis. É o caso em que se encontra o Espiritismo.

A festa terminou por uma coleta em benefício dos infelizes, sem distinção de crenças, e com uma precaução cuja sabedoria só merece louvores. Para deixar inteira liberdade, não humilhar ninguém e não estimular a vaidade dos que dariam mais que os outros, as coisas foram dispostas de maneira que ninguém, nem mesmo os coletores, soubessem o que cada um tinha dado. A receita foi de 85 fr. e comissários foram designados imediatamente para fazer o seu emprego.

Malgrado nossa curta estada em Bordeaux, pudemos assistir a duas sessões da Sociedade: uma consagrada ao tratamento dos doentes e outra a estudos filosóficos. Assim pudemos constatar por nós mesmos os bons resultados que sempre são o fruto da perseverança e da boa vontade. Pelo relato que publicamos em nosso número precedente sobre a sociedade bordelesa, pudemos, com conhecimento de causa, acrescentar nossas felicitações pessoais. Mas não se deve esconder que, quanto mais prosperar, tanto mais estará exposta aos ataques de nossos adversários; que ela desconfie, sobretudo, das manobras surdas que contra ela pudessem urdir e dos pomos de discórdia que, sob a aparência de zelo exagerado, poderiam lançar em seu seio.

Sendo limitado o tempo de nossa ausência de Paris, pela obrigação de aí estar de volta em dia fixo, não pudemos, para nosso grande pesar, comparecer aos diversos centros para os quais fomos convidados. Não pudemos parar senão alguns instantes em Tours e Orléans, que estavam em nosso caminho. Aí também pudemos constatar o ascendente que adquire a doutrina dia a dia na opinião e seus felizes resultados que, por serem ainda individuais, não deixam de ser menos satisfatórios.

Em Tours a reunião devia contar cerca de cento e cinquenta pessoas, tanto da cidade quanto das cercanias, mas em razão da precipitação com que foi feita a convocação, só dois terços puderam comparecer. Uma circunstância imprevista não tendo permitido aproveitar a sala que havia sido escolhida, nós nos reunimos, em noite magnífica, no jardim de um dos membros da Sociedade. Em Orléans os espíritas são menos numerosos, mas nem por isso deixa de contar com adeptos sinceros e devotados, cujas mãos tivemos o prazer de apertar.

Um fato constante e característico, e que se deve considerar como um grande progresso, é a diminuição gradual e mais ou menos geral das prevenções contra as idéias espíritas, mesmo entre os que não as compartilham. Agora se reconhece a cada um o direito de ser espírita, como o de ser juiz ou protestante; já é alguma coisa. As localidades como Illiers, no Departamento de Eure-et-Loire, em que se estimulam os garotos para os perseguir a pedradas, são exceções cada vez mais raras.

Um outro sinal de progresso não menos característico é a pouca importância que, por toda parte, mesmo nas classes menos esclarecidas, os adeptos ligam aos fatos de manifestações extraordinárias. Se efeitos desse gênero se produzem espontaneamente, as pessoas os constatarem, mas não se comovem, não os procuram e, menos ainda, se empenham em provocá-los. Dão pouca importância ao que apenas satisfaz aos olhos e à curiosidade; o objetivo sério da doutrina, suas conseqüências morais, os recursos que ela pode oferecer para o alívio do sofrimento, a felicidade de reencontrar os parentes ou amigos que perderam, de com eles conversar, escutar conselhos que vêm dar, constituem o objetivo exclusivo e preferido das reuniões espíritas. Mesmo no campo e entre os artistas, um poderoso médium de efeitos físicos seria menos apreciado que um bom médium escrevente que desse, por comunicações racionais, consolação e esperança. O que se busca na doutrina é, antes de tudo, o que toca

o coração. É uma coisa notável a facilidade com que, mesmo as pessoas mais iletradas, compreendem e assimilam os princípios desta filosofia, pois não é necessário ser sábio para ter coração e raciocínio. Ah! dizem eles, se sempre nos tivessem falado assim, jamais teríamos duvidado de Deus e de sua bondade, mesmo nas maiores misérias!

Sem dúvida crer é alguma coisa, porque já é um pé colocado no bom caminho; mas a crença sem a prática é letra morta. Ora, sentimo-nos felizes em dizer que, em nossa breve excursão, entre numerosos exemplos de efeitos moralizadores da doutrina, encontramos bom número desses espíritas de coração, que poderíamos dizer completos, se fosse dado ao homem ser completo no que quer que fosse, e que podem ser olhados como os tipos da geração futura transformada; há-os de ambos os sexos, de todas as idades e condições, desde a juventude até o limite extremo da idade, que desde esta vida realizam as promessas que nos são feitas para o futuro. São fáceis de reconhecer; há em todo o seu ser um reflexo de franqueza e de sinceridade, que impõe a confiança; desde logo se sente que não há nenhuma segunda intenção dissimulada sob palavras douradas ou cumprimentos hipócritas. Em torno deles, e mesmo na mediocridade, sabem fazer reinar a calma e o contentamento. Nesses interiores abençoados respira-se uma atmosfera serena que se reconcilia com a Humanidade, e se compreende o reino de Deus sobre a Terra. Bem-aventurados os que sabem gozá-lo por antecipação! Em nossas excursões espíritas é menos o número dos crentes que computamos, e o que mais nos satisfaz é o desses adeptos que são a honra da doutrina e, ao mesmo tempo, os seus mais firmes sustentáculos, porque a fazem estimada e respeitada neles.

Vendo o número dos felizes que faz o Espiritismo, esquecemos facilmente as fadigas inseparáveis de nossa tarefa. Eis uma satisfação, um resultado positivo, que a malevolência mais obstinada não nos pode roubar. Poderiam tirar-nos a vida, os bens

materiais, mas jamais a felicidade de ter contribuído para trazer a paz a esses corações ulcerados. Para quem quer que sonde os motivos secretos que fazem agir certos homens, há lamaçais que sujam os que o atiram, e não aqueles em que é lançado.

Que todos os que nos deram, nessa última viagem, tão tocantes testemunhos de simpatia, recebam aqui nossos mui sinceros agradecimentos e estejam certos de que serão pagos na mesma moeda.

A Lei e os Médiuns Curadores

Sob o título de *Um Mistério*, vários jornais do mês de maio último relataram o seguinte fato:

“Um dia desses, duas senhoras do bairro de Saint-Germain apresentaram-se ao comissário de seu quarteirão e lhe chamaram a atenção sobre um tal P., que, segundo elas, abusaram de sua confiança e de sua credulidade, afirmando que as curaria de doenças, contra as quais seus cuidados tinham sido impotentes.

“Tendo aberto um inquérito a respeito, o magistrado soube que P. passava por hábil médico, cuja clientela aumentava diariamente, e que fazia curas extraordinárias.

“Conforme suas respostas às perguntas do comissário, P. parece convencido de que é dotado de uma faculdade sobrenatural, que lhe dá o poder de curar apenas pela aposição das mãos sobre os órgãos doentes.

“Durante vinte anos ele foi cozinheiro; era mesmo citado como hábil em seu ofício, que abandonou há um ano para consagrar-se à arte de curar.

“A acreditar nele, teria tido várias visões e aparições misteriosas, nas quais um enviado de Deus lhe teria revelado que ele tinha uma missão humanitária a cumprir na Terra, à qual não devia faltar, sob pena de ser danado. Obedecendo, disse ele, a essa ordem vinda do céu, o antigo cozinheiro instalou-se num apartamento da rua Saint-Placide, e os doentes não tardaram em abundar às suas consultas.

“Não receita medicamentos; examina o paciente, que deve tratar quando em jejum, apalpa-o, procura e descobre a sede do mal, sobre a qual aplica as mãos em cruz, pronuncia algumas palavras que são, diz ele, o seu segredo; depois, com a sua prece, vem um Espírito invisível e arranca o mal.

“Certamente P... é um louco. Mas o que há de extraordinário, de inexplicável, é que provou, como o constata o inquérito, que curou, por esse processo singular, mais de quarenta pessoas afetadas de moléstias graves.

“Várias lhe testemunharam o seu reconhecimento por donativos em dinheiro. Conforme testamento encontrado em sua casa, uma senhora idosa, proprietária nas cercanias de Fontainebleau, fê-lo herdeiro de uma soma de 40.000 francos.

“P... foi detido e seu processo, que certamente não tardará a correr na polícia correcional, promete ser curioso.”

Não somos apologista nem detrator do Sr. P..., a quem não conhecemos. Está em boas ou más condições? É sincero ou charlatão? Ignoramo-lo; é o futuro que o provará; não tomamos partido nem pró nem contra ele. Mencionamos o fato tal qual é relatado, porque vem juntar-se à idéia de todos os que acreditam na existência de uma dessas faculdades estranhas, que confundem a Ciência e os que nada querem admitir fora do mundo visível e tangível. De tanto ouvir falar nisto e ver os fatos se multiplicando,

é-se forçado a convir que há qualquer coisa e, aos poucos, faz-se a distinção entre a verdade e a hipocrisia.

No relato que precede, por certo notaram essa curiosa passagem, e a contradição não menos curiosa que ela encerra:

“*Certamente* P... é um louco. Mas o que há de extraordinário, de *inexplicável*, é que *provou*, como o *constata o inquérito*, que curou, por esse processo singular, mais de quarenta pessoas afetadas de moléstias graves.”

Assim, o inquérito *constata* as curas; mas, porque o meio que emprega é inexplicável e não é reconhecido pela Faculdade, *certamente* ele é louco. Sendo assim, o abade príncipe de Hohenlohe, cujas curas maravilhosas relatamos na *Revista* de dezembro de 1866, era louco; o venerável cura d’Ars, que, também ele, fazia curas por singulares processos, era louco; e tantos outros. O Cristo, que curava sem diploma e não empregava medicamentos, era louco e teria pago muitas multas em nossos dias. Loucos ou não, quando há cura, muitas pessoas preferem ser curadas por um louco a ser enterradas por um homem de bom-senso.

Com um diploma, todas as excentricidades médicas são permitidas. Um médico, cujo nome esquecemos, mas que ganha muito dinheiro, emprega um processo muito mais bizarro; com um pincel, pinta no rosto de seus doentes pequenos losangos vermelhos, amarelos, verdes, azuis, rodeando os olhos, o nariz e a boca, em quantidade proporcional à natureza da doença. Sobre que dado científico se baseia este gênero de medicação? Uma brincadeira de mau gosto de um redator pretendeu que, para poupar enormes gastos de publicidade, esse médico fazia que os doentes a veiculassem de graça, no rosto. Vendo nas ruas esses rostos tatuados, naturalmente pergunta-se o que é. E os doentes respondem: é o processo do célebre doutor fulano. Mas ele é médico; não importa se seu processo é bom, mau ou insignificante;

tudo lhe é permitido, mesmo ser charlatão: está autorizado pela Faculdade. Se um indivíduo não diplomado quiser imitá-lo, será perseguido por vigarice.

Gritam contra a credulidade do público em relação aos charlatães; admiram-se da afluência de pessoas à casa do primeiro que surge anunciando um novo método de curar, à casa dos sonâmbulos, dos impostores e de outros; da predileção pelos remédios das comadres, e se prendem à inépcia da espécie humana! A primeira causa se deve à vontade muito natural que têm os doentes de se curar, e ao insucesso da Medicina em grandíssimo número de casos. Se os médicos curassem com mais freqüência e segurança, não se iria alhures; acontece mesmo quase sempre que não se recorre a meios excepcionais senão depois de haver esgotado inutilmente os recursos oficiais. Ora, o doente que quer ser curado a qualquer preço, pouco se inquieta de o ser segundo a regra, ou contra a regra.

Não repetiremos aqui o que hoje está claramente demonstrado quanto às causas de certas curas, inexplicáveis somente para os que não querem dar-se ao trabalho de remontar à fonte do fenômeno. Se se deu a cura, isto é um fato, e esse fato tem uma causa. Será mais racional negá-lo do que procurá-lo? – Dirão que é o acaso; o doente curou-se sozinho. – Seja; mas, então, o médico que o declarou incurável dava prova de grande ignorância. E, depois, se há vinte, quarenta, cem curas semelhantes, é sempre o acaso? É preciso convir que seria um acaso singularmente perseverante e inteligente, ao qual poderia dar-se o nome de *doutor Acaso*.

Examinaremos a questão sob um ponto de vista mais sério.

As pessoas não diplomadas que tratam os doentes pelo magnetismo; pela água magnetizada, que não é senão uma

dissolução do fluido magnético; pela imposição das mãos, que é uma magnetização instantânea e poderosa; pela prece, que é uma magnetização mental; com o concurso dos Espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização, são passíveis da lei contra o exercício ilegal da Medicina?

Os termos da lei certamente são muito elásticos, porque ela não especifica os meios. Rigorosamente e logicamente não se pode considerar como exercendo a arte de curar, senão os que dela fazem profissão, isto é, que dela tiram proveito. Entretanto, viram-se ser pronunciadas condenações contra indivíduos que se ocupam desses cuidados por puro devotamento, sem qualquer interesse, ostensivo ou dissimulado. O delito está, pois, sobretudo na prescrição de remédios. Contudo, o desinteresse *notório* geralmente é levado em consideração como circunstância atenuante.

Até agora não se tinha pensado que uma cura pudesse ser operada sem o emprego de medicamentos; portanto, a lei não previu o caso dos tratamentos curativos sem remédios, e apenas por extensão é que seria aplicada aos magnetizadores e aos médiuns curadores. Não reconhecendo a Medicina oficial nenhuma eficácia no magnetismo e seus anexos, e ainda menos na intervenção dos Espíritos, não se poderia legalmente condenar por exercício ilegal da Medicina, os magnetizadores e os médiuns curadores, que nada prescrevem além da água magnetizada, porque, então, seria reconhecer oficialmente uma virtude no agente magnético e o colocar na classe dos meios curativos; seria incluir o magnetismo e a mediunidade curadora na arte de curar, e dar um desmentido à Faculdade. O que se faz algumas vezes em semelhantes casos, é condenar por *delito de vigarice* e abuso de confiança, como fazendo pagar uma coisa sem valor, aquele que disso tira proveito direto ou indireto, ou mesmo dissimulado, sob o nome de retribuição facultativa, véu no qual nem sempre se deve confiar. A apreciação do fato depende inteiramente da maneira de encarar a coisa em si

mesma; muitas vezes é uma questão de opinião pessoal, a menos que haja abuso presumido, caso em que a questão de boa-fé sempre deve ser levada em consideração. Então a justiça aprecia as circunstâncias agravantes ou atenuantes.

Tudo é inteiramente diverso para aquele cujo desinteresse é comprovado e completo. Desde que nada prescreve e nada recebe, a lei não o pode alcançar, do contrário seria preciso lhe dar uma extensão que não comportam nem o espírito, nem a letra. Onde nada há a ganhar, não pode haver charlatanismo. Não há nenhum poder no mundo que possa opor-se ao exercício da mediunidade ou magnetização curadora, na verdadeira acepção da palavra.

Entretanto, dirão, o Sr. Jacob nada cobrava, e nem por isso deixou de ser interdito. É verdade; mas nem foi perseguido, nem condenado pelo fato de que se tratava. A interdição era uma medida de disciplina militar, por causa da perturbação que podia causar no campo a afluência de pessoas que para lá se dirigiam; e se, depois, ele alegou essa interdição, foi porque lhe convinha. Se ele não pertencesse ao exército, ninguém poderia inquietá-lo. (Vide a *Revista* de março de 1866¹⁸: *O Espiritismo e a Magistratura*).

Illiers e os Espíritas

Sob este título, o *Journal de Chartres*, de 26 de maio último, continha a seguinte correspondência:

“Illiers, 20 de maio de 1867.

“Estamos em maio ou no carnaval? Domingo passado julguei-me nesta última época. Quando atravessava Illiers, por volta

18 **N. do T.:** Embora no original conste o ano de 1865, o artigo acima foi publicado em 1866.

das quatro horas da tarde, encontrei-me em frente a uma aglomeração de sessenta, oitenta, talvez cem garotos, seguidos de numerosa multidão, gritando com toda a força o refrão: Eis o feiticeiro! eis o feiticeiro! eis o cachorro louco! eis Grezelle! e acompanhando de vaías um bravo e plácido camponês, de olhar desvairado, ar espantado, que ficou felicíssimo ao encontrar uma mercearia que lhe serviu de abrigo. É que, depois dos cantos e dos apupos vinham as injúrias, as pedras voavam e o pobre diabo, sem este asilo, talvez levasse a pior.

“Perguntei a um grupo que aí se achava o que aquilo significava. Contaram-me que desde algum tempo todas as sextas-feiras havia uma reunião de espíritas em Sorcellerie, comuna de Vieuvicq, às portas de Illiers. O grande Pontífice que presidia a essas reuniões era um pedreiro, chamado Grezelle, e era esse infeliz que acabava de se vê tão maltratado. É que, diziam, desde alguns dias se passavam coisas muito estranhas. Ele teria visto o diabo, evocado almas que lhe teriam revelado coisas pouco lisonjeiras para certas famílias.

“Em suma, várias mulheres tinham ficado loucas e alguns homens seguiam nos seus rastros; parece mesmo que o Pontífice abria o caminho. A verdade é que uma jovem mulher de Illiers perdeu a cabeça completamente; ter-lhe-iam dito que, por certas faltas, seria preciso que ela fosse ao purgatório. Sexta-feira ela se despedia de todos os parentes e vizinhos, e sábado, depois de ter feito os preparativos para a partida, ia atirar-se no rio. Felizmente estava sendo vigiada e chegaram a tempo de adiar-lhe a viagem.

“Compreende-se que tal acontecimento tenha excitado a opinião pública. A família dessa senhora tinha perdido a cabeça e vários membros, armados de bom chicote, corriam atrás do Pontífice, que teve a sorte de escapar de suas mãos. Ele queria deixar a Sorcellerie de Vieuvicq para vir montar o seu sabá em

Illiers, no lugar chamado Folie-Valleran. Diz-se que dois valentes pais de família, que lhe serviam de cantores no coro, pediram-lhe que não viesse a Folie: a loucura é que iria para sua casa. Falavam também que a polícia iria ocupar-se do caso.

“Deixai, então, por conta dos garotos de Illiers. Eles saberão como vencer as resistências. Há dessas coisas que morrem, abatidas pelo ridículo.”

Léon Gaubert

O mesmo jornal, em seu número de 13 de junho de 1867, contém o seguinte:

Em resposta a uma carta com a assinatura do Sr. Léon Gaubert, publicada em nosso número de 26 de maio último, recebemos a comunicação seguinte, da qual conservamos escrupulosamente a originalidade:

“La Certellerie, 4 de junho de 1867.

“Senhor Redator,

“Em vosso jornal de 26 de maio, dais publicidade a uma carta, na qual o vosso correspondente me aborrece profundamente, para fazer ver quanto fui maltratado em Illiers. Pedreiro e pai de família, tenho direito à reparação, depois de ter sido tão violentamente atacado, e espero que vos digneis dar a conhecer a verdade, depois de ter deixado propagar o erro.

“É bem verdade, como o diz aquela carta, que os meninos da escola e muitas pessoas que eu estimava me perseguem todas as vezes que passo por Illiers. Duas vezes, sobretudo, quase sucumbi a pedradas, bordoadas e outros objetos que me atiravam, e ainda hoje, se fosse a Illiers, onde sou muito conhecido, seria cercado ameaçado, maltratado. Além dos materiais que caem,

enchem o ar de injúrias: *louco, feiticeiro, espírita*, tais são as amenidades mais comuns com que me regalam. Felizmente, há somente isto de verdadeiro; tudo o que o vosso correspondente *vos escreve* (o texto diz: tudo o que o vosso correspondente *acrescenta*), é falso e só existiu na imaginação de pessoas que procuraram amotinar a população contra nós.

“O Sr. Léon Gaubert, que assinou vossa carta, é completamente desconhecido nesta região; dizem-me que é um anônimo, se bem retive a palavra. Digo que se se oculta, é que sente que não faz o bem; direi, pois, com toda a franqueza ao Sr. Léon Gaubert: Fazei como eu e ponde o vosso verdadeiro nome.

“Disse o Sr. Léon Gaubert que uma mulher, em razão de excitações e de práticas espíritas, enlouqueceu e quis afogar-se. Não sei se realmente ela quis afogar-se; muitas pessoas me dizem que não é verdade; mas ainda que o fosse, nada tenho com isso. Essa mulher é uma mexeriqueira; sua reputação aqui está feita há muito tempo, e ainda não se falava de Espiritismo e ela já era *como aqui* (o texto diz *conhecida aqui*), como o é agora. Suas irmãs a ajudam a me perseguir. Eu vos declaro que ela jamais se ocupou de Espiritismo: seus instintos a levam em direção contrária. Nunca assistiu às nossas reuniões e jamais pôs os pés na casa de algum espírita da região.

“Então, perguntareis, por que ela investe contra vós, e por que tantos vos hostilizam em Illiers? É um enigma para mim. Só me apercebi de uma coisa: é que muitas pessoas, antes que a primeira cena rebentasse, pareciam previamente instruídas e, quando entrei naquele dia nas ruas de Illiers, notei muita gente às portas e às janelas.

“Sou um operário honesto, senhor. Ganho decentemente meu pão. O Espiritismo não me impede absolutamente de trabalhar, e se alguém tiver a menor exprobração

séria a me dirigir, que nada tema. Nós temos leis e, nas circunstâncias em que me encontro, sou o primeiro a pedir que as leis do país sejam bem observadas.

“Quanto a ser espírita, não o escondo; é bem verdade, sou espírita. Meus dois filhos, jovens ativos, ordeiros e prósperos, são médiuns. Ambos gostam do Espiritismo e, como seu pai, crêem, oram, trabalham, melhoram-se e procuram elevar-se. Mas, que mal há nisto? Quando a cólera me diz que me vingue, o Espiritismo me contém e me diz: Todos os homens são irmãos; faz o bem aos que te fazem o mal. E eu me sinto mais calmo, mais forte.

“O cura me repele do confessionário porque sou espírita. Se eu viesse a ele carregado de todos os crimes possíveis, ele me absolveria; mas espírita, crente em Deus e fazendo o bem segundo o meu poder, não encontro graça aos seus olhos. Muitas pessoas de Illiers não procedem de outro modo e aquele dos nossos inimigos, que agora me atira pedra porque sou espírita, faria mais: não só me absolveria mas me aplaudiria no dia em que me encontrasse numa orgia.”

Observação – Este último parágrafo, entre aspas, que estava na carta original, foi suprimido pelo jornal.

“Para agradar, eu não poderia dizer preto quando vejo branco. Tenho convicções. Para mim o Espiritismo é a mais bela das verdades. Que quereis? Querem forçar-me a dizer o contrário do que penso, de tudo o que vejo, e quando se fala tanto de liberdade, é preciso que a suprimam na prática?

“Vossa correspondência diz que eu queria deixar a Sorcellerie para ir estabelecer meu sabá em Folie-Valleran. Ao ver o Sr. Léon Gaubert inventar tantas palavras desagradáveis, dir-se-ia verdadeiramente que ele está possuído da raiva de dar sobre a cabeça de todo o mundo os mais desajeitados golpes de colher de

pedreiro. O Sr. Valleran é um dos proprietários mais respeitáveis da região e, levantando uma construção magnífica, faz que muitos operários ganhem dinheiro, por um trabalho honesto e lucrativo. Tanto pior para quem ficasse vexado por isso ou não o imitasse senão andando para trás.

“Tende a bondade, senhor, de comunicar minha carta aos vossos leitores e dissuadir, como é justo, as pessoas que a primeira carta por vós publicada induziu em erro.

“Aceitai, etc.

Grezzelle

O redator do jornal diz que conserva *escrupulosamente* a originalidade dessa carta. Por certo quer dizer com isto a forma do estilo que, num pedreiro de aldeia, não é a de um literato. Se esse pedreiro tivesse escrito contra o Espiritismo, e num estilo ainda mais incorreto, é provável que não o tivessem achado ridículo. Mas já que ele queria conservar tão escrupulosamente a originalidade da carta, por que lhe suprimiu um parágrafo? Em caso de inexatidão, a responsabilidade cairia sobre o seu autor. Para estar rigorosamente certo, o jornal deveria ter acrescentado que a princípio se tinha recusado a publicar essa carta, e que não cedeu senão ante a iminência de perseguições judiciais, cujas consequências eram inevitáveis, pois se tratava de um homem estimado, atacado pelo próprio jornal em sua honra e em sua consideração.

O autor da primeira carta sem dúvida pensou que a deturpação burlesca dos fatos não fosse suficiente para lançar o ridículo sobre os espíritas. Acrescentou uma forte malícia, transformando o nome da localidade, que é *Certellerie*, no de *Sorcellerie*.¹⁹ Talvez seja muito espirituoso para as pessoas que

19 N. do T.: Feitiçaria.

gostam de sal grosso, mas é uma piada sem graça e muito desajeitada. Este gênero de ridículo jamais matou coisa alguma.

Deve-se considerar esses fatos como lamentáveis? Sem dúvida o são para os que foram suas vítimas, mas não para a doutrina, à qual só podem aproveitar.

De duas uma: ou as pessoas que se reúnem nessa localidade se entregam a uma comédia indigna, ou são criaturas honradas, sinceramente espíritas. No primeiro caso, é prestar um grande serviço à doutrina desmascarar os que dela abusam ou que misturam seu nome a práticas ridículas. Os espíritas sinceros não podem senão aplaudir a tudo o que tende a desembaraçar o Espiritismo dos parasitas da má-fé, seja qual for a forma que se apresentem, pois jamais tomaram a defesa dos prestidigitadores e dos charlatães. No segundo caso, ele só pode ganhar com a repercussão que lhe dá uma perseguição apoiada em fatos controvertidos, porque excita as pessoas a se informarem do que ele é. Ora, o Espiritismo só pede para ser conhecido, muito certo de que um exame sério é o melhor meio de destruir as prevenções suscitadas pela malevolência dos que não o conhecem. Assim, não nos surpreenderíamos se essa escaramuça tivesse um resultado bem diverso do esperado por aqueles que a provocaram, e fosse a causa de uma recrudescência no número dos adeptos da localidade. Assim tem sido em toda parte onde uma oposição um tanto violenta se manifestou.

Que fazer, então? perguntarão os adversários. Se não intervimos, o Espiritismo caminha; se agimos contra, ele marcha com mais vigor. – A resposta é muito simples: reconhecer que aquilo que não se pode impedir está na vontade de Deus, e o que há de melhor a fazer é deixá-lo passar.

Dois de nossos correspondentes, estranhos um ao outro, transmitiram-nos sobre estes fatos informações precisas e

perfeitamente concordantes. Um deles, o Sr. Quômes de Arras, homem de ciência e distinto escritor, ao primeiro relato desses acontecimentos, referidos pelo jornal de Chartres, ignorando a causa do conflito, não quis precipitar-se em defender os fatos nem as pessoas, que abandonava à severidade da crítica, se o merecessem; mas tomou a defesa do Espiritismo. Numa carta cheia de moderação e de conveniência, dirigida ao jornal, ele se empenha em demonstrar que se os fatos fossem tais quais relatados pelo Sr. Léon Gaubert, o Espiritismo nada teria a ver com isso, ainda mesmo que tivessem usado seu nome. Qualquer pessoa imparcial teria olhado como um dever dar oportunidade a uma retificação tão legítima. Não foi o que aconteceu, e as reiteradas instâncias não resultaram senão numa recusa formal. Isto se passava antes da carta de Grezelle, que, como se viu, devia ter a mesma sorte. Se o jornal temia levantar em suas colunas a questão do Espiritismo, não devia admitir a carta do Sr. Gaubert. Reservar-se o direito de atacar e recusar o de defesa, é um meio fácil, mas muito pouco lógico, de se dar razão.

O Sr. Quômes de Arras dirigiu-se àqueles lugares, a fim de ele próprio se dar conta do estado das coisas. Houve por bem enviar-nos um relato detalhado de sua visita. Lamentamos que a extensão desse documento não nos permita publicá-lo neste número, onde nem tudo o que nele devia estar pôde encontrar lugar. Resumimos suas principais conseqüências. Eis o que ele ficou sabendo em Illiers, junto a diversas pessoas honradas, estranhas ao Espiritismo.

Grezelle é um excelente pedreiro, proprietário em Certellerie. Longe de desarraçar, todos os que o conhecem não podem senão fazer justiça ao seu bom-senso, aos seus hábitos de ordem, de trabalho, de regularidade. É um bom pai de família; seu único erro é inquietar os materialistas e os indiferentes da região por suas afirmações enérgicas, multiplicadas, sobre a alma, sobre suas manifestações após a morte e sobre os nossos destinos

futuros. Ele está longe de ser, na região, o único partidário do Espiritismo, que aí conta, sobretudo em Brou, numerosos e devotados adeptos.

“Quanto às mulheres, que, segundo o *Journal de Chartres*, o Espiritismo teria enlouquecido ou arrastado a atos culposos, é pura invenção. O caso a que faz alusão é o de uma mexeriqueira muito conhecida em Illiers, dada à bebida, e cuja razão sempre foi fraca. Ela quer a Grezelle e fala mal dele, não se sabe por quê. Como as idéias espíritas circulam na região, delas deve ter ouvido falar e as mistura em suas próprias incoerências, mas dele jamais se ocupou seriamente. Quanto a ter querido afogar-se, tal pensamento nada teria de impossível, tendo em vista o seu estado habitual; mas o fato parece inventado.

De lá o Sr. Quômes de Arras foi a Certellerie, cinco quilômetros além de Illiers. “Lá chegando, diz ele, procurei a casa da Sra. Jacquet, cujo nome me haviam dito em Illiers. Ela estava no jardim com seu filho, em meio às flores, ocupada com trabalhos de agulha. Assim que soube o motivo de minha viagem, conduziu-me à sua casa, onde logo se juntaram a sua empregada, moça de vinte anos, médium falante e espírita fervorosa, Grezelle e seu filho mais velho, de vinte anos. Não foi preciso conversar muito com essas pessoas, para perceber que não me achava em relação com espíritos agitados, tristes, singulares, exaltados ou fanáticos, mas com pessoas sérias, razoáveis, benevolentes, de uma sociedade perfeita; franqueza, clareza, simplicidade, amor ao bem, tais eram os traços salientes que se pintavam em seu exterior, em suas palavras, e – confessarei para minha confusão – eu não esperava tanto.

“Grezelle tem quarenta e cinco anos, é casado e tem dois filhos; ambos são médiuns escreventes, como o pai. Contou-me calmamente os sofrimentos que suportava e as intrigas de que era objeto. A Sra. Jacquet também me disse que muitas pessoas, na região, alimentavam os piores sentimentos contra eles, porque são

espíritas. Aos meus olhos pareceu muito provável, adquirindo depois a mais completa certeza de que essas diversas famílias são tranqüilas, benevolentes para com todos, incapazes de fazer mal a quem quer que seja, e sinceramente dedicadas a todos os seus deveres; dando graças aos céus, admirei a firmeza, a força de caráter, a solidez das convicções, o profundo apego ao bem dessas excelentes criaturas que, no campo, sem grande instrução, sem estímulo e sem recursos visíveis, cercadas de inimigos e de gracejadores, mantêm alto, há quatro anos, seus princípios, sua fé, suas esperanças. Para defender sua bandeira contra os risos, têm uma coragem que, infelizmente, muitas vezes falta aos nossos sábios das cidades, e até a muitos espíritas adiantados.

“Grezelle, o único que realmente foi maltratado, embora seja espírita há três anos, tem todo o fervor de um neófito, todo o zelo de um apóstolo e ainda toda a atividade exuberante de uma natureza ardente, enérgica e empreendedora. Em razão de seus negócios, está continuamente em contato com a população da região e, cheio do Espiritismo, amando-o mais que a vida, não pode impedir-se de falar nele, de o fazer ressaltar, de mostrar suas belezas, grandezas e maravilhas. De uma palavra realmente obstinada e forte, produz no meio dos indiferentes que o cercam o efeito do fogo na água. Como não leva em conta o tempo, nem as circunstâncias contrárias, poder-se-ia dizer que peca um pouco por excesso de zelo e, talvez, também por falta de prudência.”

No dia seguinte, à noite, o Sr. Quômes assistiu, em casa de Grezelle, a uma sessão espírita composta de 18 ou vinte pessoas, entre as quais se achava o prefeito, notabilidades do lugar, pessoas de notória honorabilidade, que certamente não teriam vindo a uma assembléia de loucos e de iluminados. Tudo aí se passou na maior ordem, com o mais perfeito recolhimento e sem o menor vestígio das práticas ridículas da magia e da feitiçaria. Começa-se pela prece, durante a qual todos se ajoelham. Às preces tiradas de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, juntam-se a prece da noite e outras, tiradas do

ritual ordinário da Igreja. “Nossos detratores, sobretudo os eclesiásticos, acrescenta o Sr. Quômes, talvez não tivessem notado, sem embaraço e sem admiração, o fervor destas almas sinceras e sua atitude recolhida, denotando profundo sentimento religioso. Havia seis médiuns, dos quais quatro homens e duas mulheres, entre as quais a empregada da Sra. Jacquet, médium falante e escrevente. Em geral as comunicações são fracas de estilo, as idéias aí são prolixas e sem encadeamento; até algumas manias aparecem no modo de comunicação; mas, afinal de contas, nada há de mau, de perigoso e tudo quanto se obtém edifica, encoraja, fortalece, leva o espírito ao bem ou o eleva para Deus.”

O Sr. Quômes encontrou nesses espíritas a sinceridade e um devotamento a toda prova, mas também uma falta de experiência, que se esforçou em suprir por seus conselhos. O fato essencial que constatou é que nada em sua maneira de agir justifica o quadro ridículo feito pelo *Journal de Chartres*. Os atos selvagens que se passaram em Illiers foram, evidentemente, suscitados pela malevolência e parecem ter sido premeditados.

De nossa parte sentimo-nos felizes que assim seja, e cumprimos os nossos irmãos do cantão de Illiers pelos excelentes sentimentos que os animam.

Como dissemos, as perseguições são o quinhão inevitável de todas as grandes idéias novas, pois todas têm tido os seus mártires. Os que as suportam um dia serão felizes, por terem sofrido pelo triunfo da verdade. Assim, que perseverem sem desanimar e sem fraquejar, e serão sustentados pelos Espíritos bons que os observam; mas, também, que jamais renunciem à prudência que as circunstâncias exigem, evitando com cuidado tudo quanto possa provocar os nossos adversários. É no interesse da Doutrina.

Epidemia da Ilha Maurício

Há alguns meses um dos nossos médiuns, o Sr. T..., que freqüentemente cai em sonambulismo espontâneo, sob a magnetização dos Espíritos, nos disse que naquele momento a ilha Maurício estava sendo devastada por uma terrível epidemia, que dizimava a população. Esta previsão realizou-se, até com circunstâncias agravantes. Acabamos de receber de um dos nossos correspondentes da ilha Maurício uma carta, datada de 8 de maio, da qual extraímos as passagens seguintes.

“Vários Espíritos nos anunciaram, uns claramente, outros em termos proféticos, um flagelo destruidor prestes a nos fulminar. Tomamos estas revelações do ponto de vista moral, e não do ponto de vista físico. De repente uma moléstia estranha irrompe nesta pobre ilha; uma febre sem nome, que reveste todas as formas, começa suavemente, hipocritamente, depois aumenta e derruba a todos os que pode atingir. É agora uma verdadeira peste; os médicos não a entendem; até agora, nenhum dos que foram atingidos se curaram. São terríveis acessos que vos prostram e vos torturam durante doze horas no mínimo, atacando, cada um por sua vez, cada órgão importante; depois o mal cessa durante um ou dois dias, deixando o doente acabrunhado até o próximo acesso, e assim se vai, mais ou menos rapidamente, para o termo fatal.

“Para mim, vejo em tudo isto um desses flagelos anunciados, que devem retirar do mundo uma parte da geração presente, e destinados a operar uma renovação tornada necessária. Vou dar-vos um exemplo das infâmias que aqui se passam.

“O quinino em dose muito forte detém os acessos apenas por alguns dias; é o único específico capaz de interromper, pelo menos momentaneamente, os progressos da cruel moléstia que nos dizima.

“Os negociantes e os farmacêuticos o tinham em certa quantidade, e lhes custava cerca de 7 fr. a onça. Ora, como esse remédio era forçosamente comprado por todo o mundo, aqueles senhores aproveitaram a ocasião para elevar o preço da poção de um indivíduo, de 1 fr., preço ordinário, até 15 fr. Depois o quinino veio a faltar; isto é, os que o tinham, ou o recebiam pelo correio, o vendiam ao preço fabuloso de 2 fr. 50 c. o grão, a retalho, e a 675 e 800 fr. a onça, no atacado. Numa poção entram pelo menos 30 grãos, totalizando 75 fr. a poção. Assim, só os ricos podiam comprar e aqueles negociantes viam com indiferença milhares de infelizes morrendo ao seu redor, por falta do dinheiro necessário para adquirir o medicamento.

“Que dizeis disto? Ah! é história! Ainda neste momento o quinino chega em quantidade; as farmácias o têm em abundância, mas não querem vender a dose por menos de 12 fr. 50 c. Por isso os pobres morrem sempre, olhando desolados esse tesouro que não podem alcançar!

“Eu mesmo fui atingido pela epidemia e estou na quarta recaída. Arruíno-me com o quinino. Isto prolonga a minha existência, mas, como receio, se as recaídas continuarem, caro senhor, palavra de honra! é muito provável que em pouco tempo terei o prazer de assistir como Espírito às vossas sessões parisienses e nelas tomar parte, se Deus o permitir. Uma vez no mundo dos Espíritos, estarei mais perto de vós e da Sociedade do que estou na ilha Maurício. *Num pensamento* transporto-me às vossas sessões, sem fadiga e sem temer o mau tempo. Aliás, não tenho o menor receio, eu vo-lo juro; sou muito sinceramente espírita para isto. Todas as minhas precauções estão tomadas; e se vier a deixar este mundo, sereis avisado.

“Enquanto espero, caro senhor, tende a bondade de pedir aos meus irmãos da Sociedade Espírita que unam as suas às nossas preces pelas infelizes vítimas da epidemia, pobres Espíritos muito

materiais, na maioria, e cujo desprendimento dever ser penoso e longo. Oremos também por aqueles, muito mais infelizes que, ao flagelo da moléstia, juntam o da desumanidade.

“Nosso pequeno grupo está disperso há três meses; todos os membros foram mais ou menos atingidos, mas, até agora, nenhum morreu.

“Recebei, etc.”

É preciso ser espírita de verdade para encarar a morte com este sangue-frio e essa indiferença, quando ela estende seus malefícios em redor de nós e quando se sentem os seus ataques. É que, em semelhante caso, a fé séria no futuro, tal qual só o Espiritismo pode dar, proporciona uma força moral que, ela mesma, é um poderoso preservativo, como foi dito a propósito da cólera. (*Revista* de novembro de 1865). Isto não quer dizer que nas epidemias os espíritas sejam necessariamente poupados, mas, em tais casos eles têm sido, até agora, os menos atingidos. Escusado dizer que se trata de espíritas de coração, e não dos que só o são em aparência.

Os flagelos destruidores, que devem causar danos à Humanidade, não sobre um ponto do globo, mas em toda parte, são em toda parte pressentidos pelos Espíritos.

A seguinte comunicação, verbal e espontânea, foi dada sobre o assunto, logo após a leitura da carta acima:

**(Sociedade de Paris, 21 de junho de 1867 – Médium: Sr. Morin,
em sonambulismo espontâneo)**

“Avança a hora, a hora marcada no grande e perpétuo relógio do infinito, a hora na qual vai começar a operar-se a transformação de vosso globo, para o fazer gravitar rumo à perfeição. Muitas vezes vos foi dito que os mais terríveis flagelos

dizimariam as populações; não é preciso que tudo morra para se regenerar? Mas, o que é isto? A morte não é senão a transformação da matéria; o Espírito não morre, apenas muda de habitação. Observai e vereis começar a realização de todas essas previsões. Oh! como são felizes aqueles que nessas terríveis provações foram tocados pela fé espírita sincera! Permanecem calmos no meio da tormenta, como o marinheiro aguerrido em meio à tempestade.

“Eu, neste momento personalidade espiritual, muitas vezes sou acusado de brutalidade, de dureza e de insensibilidade pelas personalidades terrestres!... É verdade, contemplo com calma todos esses flagelos destruidores, todos esses terríveis sofrimentos físicos. Sim, atravesso sem me comover todas essas planícies devastadas, juncadas de restos humanos! Mas se o posso fazer, é que minha visão espiritual vai além desses sofrimentos e, antecipando-se ao futuro, ela se apóia no bem-estar geral que será a consequência desses males passageiros para a geração futura, para vós mesmos, que fareis parte dessa geração e que, então, recolhereis os frutos que tiverdes semeado.

“Espírito de conjunto, olhando do alto de uma esfera onde habita (muitas vezes ele fala de si na terceira pessoa), seu olhar fica em branco; entretanto, sua alma palpita, seu coração sangra em face de todas as misérias que a Humanidade deve atravessar, mas a visão espiritual repousa do outro lado do horizonte, contemplando o resultado que será a sua consequência certa.

“A grande emigração é útil e aproxima-se a hora em que deve efetuar-se... ela já começa... A quem será fatal ou proveitosa? Olhai bem, observadores; considerai os atos desses exploradores dos flagelos humanos, e distinguireis, mesmo com os olhos do corpo, os homens predestinados à decadência. Vede-os ávidos de honras, inflexíveis no ganho, presos, como sua vida, a todas as posses terrenas, e sofrendo mil mortes pela perda de uma parcela do que, entretanto, precisarão deixar... Como será terrível para eles

a pena de tálão, porquanto, no exílio que os espera, lhes recusarão um copo de água para estancar a sede!... Olhai-os e neles reconheceréis, sob as riquezas que acumulam à custa dos infelizes, os futuros humanos decaídos! Considerai seus trabalhos, e vossa consciência vos dirá se esses trabalhos devem ser pagos lá no alto, ou aqui embaixo! Olhai-os bem, homens de boa vontade, e vereis que o joio começa, desde esta Terra, a ser separado do bom grão.

“Minha alma é forte, minha vontade é grande! – Minha alma é forte porque sua força é o resultado de um trabalho coletivo de alma a alma; minha vontade é grande porque tem como ponto de apoio a imensa coluna formada por todos os sentimentos de justiça e de bem, de amor e de caridade. Eis por que sou forte, eis por que sou calmo para olhar; eis por que seu coração, que bate quase a estourar em seu peito, não se comove. Se a decomposição é o instrumento necessário da transformação, assiste ó minha alma, calma e impassível, a essa destruição!”

Variedade

CASO DE IDENTIDADE

Um dos nossos correspondentes de Maine-et-Loire transmite-nos o fato seguinte, que se passou aos seus olhos, como prova de identidade.

Desde algum tempo o Sr. X... estava gravemente enfermo em C..., na Touraine, e sua morte era esperada a qualquer momento. No dia 23 de abril último, tínhamos por alguns dias em nosso grupo uma senhora médium, a quem devemos comunicações muito interessantes. Veio ao pensamento de um dos assistentes, que conhecia o Sr. X..., perguntar a um Espírito familiar do nosso grupo, Espírito leviano, mas não mau, se aquele senhor tinha morrido. – Sim, foi-lhe respondido. – Mas, é bem verdade, já que às vezes falas tão levianamente? – O Espírito respondeu de

novo afirmativamente. No dia seguinte, o Sr. A. C..., que até então tinha sido pouco crente, e que também conhecia particularmente o Sr. X..., quis ele próprio tentar evocá-lo, se, de fato, ele tivesse morrido. O Espírito veio imediatamente ao seu apelo e disse: “Por favor, não me esqueçais. Orai por mim.” – Desde quanto tempo estais morto? perguntou o Sr. A. C. – Um dia. – Quando sereis enterrado? Esta tarde, às quatro horas. – Sofreis? – Tudo que uma alma pode sofrer. – Guardais rancor de mim? – Sim. – Por quê? Sempre fui muito rígido convosco.

As relações desses dois senhores sempre tinham sido frias, embora perfeitamente polidas. Rogado a assinar, o Espírito deu as três iniciais de seu prenome e de seu nome. No mesmo dia o Sr. A. C. recebeu uma carta, anunciando-lhe a morte do Sr. X... À noite, após o jantar, ouviram-se pancadas. O Sr. A. C. tomou a pena e escreveu o ditado sob a batida do Espírito:

Fui ambicioso; sem dúvida todo homem o é;
Mas nunca rei, pontífice, chefe ou cidadão
Concebeu um projeto tão grande quanto o meu.

As batidas eram fortes, acentuadas, quase imperiosas, como vindas de um Espírito iniciado há muito tempo nas relações do mundo invisível com os homens. O Sr X... tinha exercido altas funções administrativas; talvez nos lares da aposentadoria e sob a influência da lembrança de suas antigas ocupações, seu Espírito tivesse elaborado algum grande projeto. Uma carta recebida há dois dias confirma todos os detalhes acima.

Observação – Sem dúvida o fato nada tem de extraordinário e que não se encontre muitas vezes; mas esses fatos íntimos nem sempre são os menos instrutivos e convincentes; causam mais impressão nos círculos onde se passam do que o fariam fenômenos estranhos, que seriam olhados como excepcionais. O mundo invisível aí se revela em condições de simplicidade que o aproximam de nós e melhor convencem da

continuidade de suas relações com o mundo visível. Numa palavra, os mortos e os vivos aí estão mais em família e se reconhecem melhor. Os fatos deste gênero, por sua multiplicidade e pela facilidade de os obter, contribuíram mais à propagação do Espiritismo do que as manifestações que têm as aparências do maravilhoso. Um incrédulo ficará muito mais tocado por uma simples prova de identidade, dada espontaneamente, na intimidade, por algum parente, amigo ou conhecido, do que por prodígios que mal o tocam e nos quais não acredita.

Poesia Espírita

AOS ESPÍRITOS PROTETORES

Mais alto, ainda mais alto! É teu vôo, ó minha alma,
A este puro ideal que Deus te há revelado!
Bem para além dos céus, e esses mundos sem calma,
Para o seu fim divino, eu me sinto chamado.

De Jacob subirei, adormecido, a escada,
Eu sempre a subirei sem descê-la jamais;
Porque, bondosa e doce, em mão fraternizada,
Um Espírito bom meus passos guia em paz.

Ele me mostra o fim, e com amor me consola;
Ele está lá, eu sinto, e sua voz escuto
Me soar no coração, como Éolo que se evola
Em sopros na montanha e bosques que eu perscruto.

Que importa o nome seu! Se já não é da Terra;
Anjo misterioso e de amores celestes,
Tem do desconhecido um charme a sós que o encerra;
Ele habita bem longe, em mundos incontestes!

Lá!... Seu corpo que um raio em glória transfigura,
Na sutilização do éter puro impalpável
Ele os males não vê que há na frágil natura,
E portanto ele é bom, porque na dor afável.

No silêncio sempre me falas,
Eu te vejo na escuridade;
Pressentir me fazes te embalas
Bem nas glórias da eternidade.
Não me culpas se algum mal faço:
Se em vigília os meus sonhos passo,
Me completas coisas que abraço;
Facho que, em uma sombra, luz,
A coragem tu me sustentas,
Minha nave segura orientas,
Preservando-me nas tormentas,
E teu brilho a noite reduz.

Dizes tu: amor; oração;
Esperança; dizes: virtude,
E dás bem o nome de irmão
À criança humílima e rude;
Forte, buscas minha fraqueza,
Tanto queres minha baixeza
E ditosa, a minha pobreza.
És sagrado, angélico ser,
Depurado teu fluido em graça
Esta minha mortal carcaça,
E o ar das asas tuas me enlaça
A alma envolta em paz e prazer.

Quem tu sejas, alma esperança,
Obrigado, irmão lá do além;
Mulher jovem, velho ou criança,
Que me importa! Não és o bem?
Planas sobre a minha cabeça,
Em correndo assim, tua pressa
Um cometa pois atravessa,
Algum outro astro em formação;
Tu habitas nessa atmosfera,
Marte ou de Saturno na esfera,
Ou da grande Ursa vens de espera,
De Aldebaran, de Orion, então?

E que me importa a mim onde moras!
E que importa a mim de onde venhas!
Que inaudito céus e que auroras,

Ao senti-los os meus são brenhas?
Salve, ó minha tão doce estrela;
Guia a minha indecisa vela,
Sobre o mar que a bruma cancela,
Longe enfim de escolhos, porém,
Sejas um farol na tormenta,
A se erguer da vaga espumanta,
E essa luz que amiga contenta,
Findo o exílio buscar-me vem.

Jules-Stany Doinel (d'Aurillac)

Nota Bibliográfica

O ROMANCE DO FUTURO

(Por E. Bonnemère)

No ano passado os Espíritos nos haviam dito que em breve a literatura entraria na via do Espiritismo, e que 1867 veria aparecerem várias obras importantes. Com efeito, pouco depois apareceu o *Espírita*, de Théophile Gautier. Como dissemos, era menos um romance espírita que o romance do Espiritismo, mas que teve sua importância pelo nome do autor.

Vem a seguir, no começo deste ano, a tocante e graciosa história de *Mireta*. Nesta ocasião o Espírito Morel Lavallée disse na Sociedade:

“O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as formas; mas é ainda o talo verde que encerra a espiga de trigo e, para o mostrar, espera que o calor da primavera a tenha amadurecido e desabrochado. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se inicia sob os auspícios de *Mireta* e não se escoará sem ver aparecerem novas publicações do mesmo gênero, e mais sérias ainda, em que o romance se fará filosofia e a filosofia se fará história.” (*Revista* de fevereiro de 1867).

Estas palavras proféticas se realizam. Temos como certo que uma obra importante aparecerá em breve; não será um romance, que pode ser considerado como uma obra de imaginação e de fantasia, mas a filosofia mesma do Espiritismo, altamente proclamada e desenvolvida por um nome que poderá fazer refletirem os que pretendem que todos os partidários do Espiritismo são loucos.

Esperando, eis uma obra que de romance só tem o nome, porque a intriga aí é quase nula e é apenas um quadro para desenvolver, sob a forma de conversas, os mais altos pensamentos da filosofia moral, social e religiosa. O título de *Romance do Futuro* não lhe parece ter sido dado senão por alusão às idéias que regerão a sociedade no futuro e que, no momento, apenas estão no estado de romance. O Espiritismo aí não é citado, mas pode tanto melhor reivindicar suas idéias, quanto em sua maioria parecem colhidas textualmente na doutrina, e que se algumas delas se afastam um pouco, são em pequeno número e não tocam o fundo da questão. O autor admite a pluralidade das existências, não só como racional, conforme à justiça de Deus, mas como necessária, indispensável ao progresso da alma e adquirida pela sã filosofia. Mas o autor parece inclinado a crer, embora não o diga claramente, que a sucessão das existências se realize antes de mundo a mundo, do que no mesmo meio, porque não fala de modo explícito das múltiplas existências num mesmo mundo, não obstante esta idéia possa ser subentendida. Talvez aí esteja um dos pontos mais divergentes, mas que, aliás, absolutamente não prejudica o fundo, pois, em última análise, o princípio seria o mesmo.

Assim, essa obra pode ser posta na classe dos livros mais sérios, destinados a vulgarizar os princípios filosóficos da doutrina no mundo literário, no qual o autor tem uma posição notável. Disseram-nos que quando o escreveu, não conhecia o Espiritismo; isto parece difícil, mas, se assim é, seria uma das provas mais retumbantes da fermentação espontânea dessas idéias

e de seu poder irresistível, porque o acaso, sozinho, não faz encontrar tantos pesquisadores no mesmo terreno.

O prefácio não é a parte menos curiosa desse livro. O autor aí explica a origem de seu manuscrito. “Qual é – pergunta ele – a minha colaboração no *Romance do Futuro*? Somos dois ou três, ou o autor se chama legião? Deixo estas coisas à apreciação do leitor, depois que lhe tiver contado uma aventura muito verídica, conquanto tenha todas as aparências de uma história do outro mundo.”

Tendo parado um dia em modesto vilarejo da Bretanha, a proprietária do albergue lhe contou que havia na região um jovem que fazia coisas extraordinárias, verdadeiros milagres. Disse ela: “Sem nada ter aprendido, ele sabe mais que o reitor, o médico e o tabelião juntos, e mais do que todos os feiticeiros reunidos. Fecha-se todas as manhãs em seu quarto; vê-se sua lâmpada através das cortinas, porque ele precisa da lâmpada, mesmo de dia; então escreve coisas que ninguém jamais viu, mas que são sublimes. Anuncia com seis meses de antecedência, o dia, a hora, o minuto em que cairá nos seus grandes acessos de feitiçaria. Uma vez que disse ou escreveu, nada mais sabe, mas é verdadeiro como a palavra do Evangelho e infalível como a decisão do papa, em Roma. Cura à primeira vista, sem cobrar, àqueles que lhe são simpáticos e, às barbas do médico, os doentes que este não cura, mesmo cobrando. O Sr. reitor diz que não pode ser senão o diabo que lhe dá o poder de curar aqueles a quem o bom Deus envia doenças para o seu bem, a fim de os provar ou os castigar.”

“Fui vê-lo, acrescenta o autor, e minha boa estrela quis que eu lhe fosse simpático. Era um rapaz de vinte e cinco anos, ao qual seu pai, rico camponês do cantão, tinha propiciado uma certa educação, a despeito do que disse a minha hospedeira; simples, melancólico e sonhador, levando a bondade até a excelência, e dotado de um temperamento, no qual o sistema nervoso dominava

sem contrapeso. Levantava-se ao amanhecer, presa de uma febre de inspiração que não podia dominar, e espalhava abundantemente sobre o papel, às vezes contra a vontade e sem se dar conta, as estranhas idéias que germinavam por si mesmas em seu cérebro.

“Vi-o à obra. No espaço de uma hora ele cobria invariavelmente o seu caderno com quinze ou dezesseis páginas de escrita, sem hesitação, sem rasuras, sem se deter um segundo à busca de uma idéia, uma frase, uma palavra. Era uma torneira aberta, de onde a inspiração se escoava em jacto sempre igual. Absolutamente mudo durante essas horas de trabalho obstinado, dentes cerrados e lábios contraídos, a palavra lhe vindo no instante em que o relógio batia a hora de retomada dos trabalhos campestres. Voltava, então à vida de todo o mundo, e tudo quanto acabava de pensar ou escrever durante essas duas ou três horas de uma outra existência, pouco a pouco se apagava de sua memória, como o sono que se desvanece e desaparece à medida que se desperta. No dia seguinte, expulso da cama por uma força invencível, entregava-se à obra e continuava a frase ou a palavra começada no dia anterior.

“Abriu-me um armário, no qual se acumulavam cadernos cheios de sua escrita. – Que há em tudo isto? perguntei. – Ignoro-o tanto quanto vós, respondeu sorrindo. – Mas como vos vem tudo isto? – Não posso senão repetir a mesma resposta: ignoro-o tanto quanto vós. Por vezes sinto que está em mim; outras vezes escuto o que me dizem. Então, sem ter consciência e sem ouvir o ruído de minhas próprias palavras, eu o repito aos que me cercam, ou o escrevo.

“Isto constituía cerca de dezessete mil páginas, escritas em quatro anos. Aí se achavam uma centena de novelas e de romances, tratados sobre diversos assuntos, receitas médicas e outras, máximas, etc. Notei sobretudo isto:

“Estas coisas me são reveladas, a mim, simples de espírito e de instrução, porque, nada sabendo, não tendo a respeito idéias preconcebidas, estou mais apto a assimilar as idéias alheias.

“Os seres superiores, partidos primeiro, depurados ainda pela transformação, vêm envolver-me e me dizer:

“Dão-vos tudo o que não se aprende e que pode esclarecer o mundo onde, ao partir, deixamos a nossa marca inapagável. Mas é preciso reservar sua parte no trabalho pessoal, sem usurpar a ciência adquirida, nem o *trabalho que cada um pode e deve fazer*.”

“Nessa enorme confusão, escolhi um simples idílio, obra de fantasia, estranha, impossível, e no qual são lançados, sob uma forma mais ou menos ligeira, as bases de uma nova cosmogonia toda inteira. Nesses cadernos, o estudo tinha como título: a *Unidade*, que julguei dever substituir pelo de *Romance do Futuro*.” Eis os elementos principais do enredo:

Paul de Villeblanche morava na Normandia, com seu pai, nas ruínas de um velho castelo, outrora residência senhorial de sua família, arruinada e dispersa pela Revolução. Era um rapaz de uns vinte anos, de grande inteligência, idéias mais largas e mais avançadas e que tinha posto de lado todos os preconceitos de raça.

No mesmo cantão, vivia uma velha marquesa muito devota que, para resgatar os pecados e salvar sua alma, tinha imaginado tirar da miséria e da abjeção social uma pequena cigana para dela fazer uma religiosa. Desta maneira, pensava ela, estaria certa de ter alguém que, por reconhecimento e por dever, por ela orasse incessantemente, durante sua vida e após a morte. Essa mocinha era, pois, educada no convento, desde cerca dos oito anos e, esperando que tomasse o hábito, vinha de dois em dois anos passar seis semanas em casa de sua benfeitora. Mas a jovem, de rara inteligência, tinha intuitivamente e sobre muitas coisas, idéias à

altura das de Paul. Estava então com dezesseis anos. Numa de suas férias, os dois jovens se encontram, ligam-se por uma afeição toda fraterna e têm conversas em que Paul desenvolve à sua inteligente companheira princípios filosóficos novos para ela, mas que esta compreende sem esforço e, por vezes, leva vantagem. Estas duas almas de escol estão à altura uma da outra. O romance acaba em casamento, como é de justiça, mas aí está apenas um pretexto para dar uma lição prática sobre um dos pontos mais importantes da ordem social e dos preconceitos de casta.

Inscrevemos com muito gosto este livro no rol dos que são úteis propagar, e que têm seu lugar marcado na biblioteca dos espíritas.

São essas conversas que fazem o enredo principal do livro; o resto não passa de um quadro muito simples para a exposição das idéias que um dia devem prevalecer na sociedade.

Para referir tudo o que, desse ponto de vista, mereceria sê-lo, seria preciso citar a metade da obra. Reproduzimos apenas alguns dos pensamentos que poderão fazer julgar do espírito no qual ela foi concebida.

“Achar é a recompensa de haver procurado; e tudo quanto nós mesmos podemos fazer, não devemos pedir aos outros.”

“O mundo é um vasto canteiro, no qual Deus distribuiu a cada um a sua tarefa, distribuindo a nossa conforme as nossas forças. Deste imenso atrito de inteligências diversas, opostas, hostis em aparência, jorra a luz, sem que se apague na hora do nosso último sono. Ao contrário, a marcha constante das gerações que se sucedem traz uma nova pedra ao edifício social; a luz torna-se mais brilhante quando nasce uma criança, trazendo, para continuar o progresso, o primeiro elemento de uma inteligência sempre renovada.”

“Mas a marquesa me repete incessantemente (diz a jovem), que todos nascemos maus, que não diferimos senão pela maior ou menor propensão para o pecado, e que a existência inteira é uma luta contra as nossas inclinações, que todos tenderiam para a eterna danação, se a religião que ela me ensina não nos retivesse à beira do abismo.

“– Não creia nesses blasfemadores. Deus seria o agente do mal, se não tivesse posto em cada um de nós a bússola que deve guiar nossos passos para a realização dos nossos destinos, e se o homem não tivesse podido marchar em seu caminho até o dia em que a Igreja veio corrigir a obra imperfeita e mal acabada do Eterno.”

“Quem sabe se, na imensa rotação do mundo, nossos filhos, por sua vez, não se tornarão nossos pais, e se não nos restituirão, intacta, esta soma de misérias, que lhes teremos deixado ao partir?”

“Nenhum mal pode vir de Deus, no tempo nem na eternidade. A dor é obra nossa, é o protesto da Natureza para nos indicar que não mais estamos nos caminhos por ela fixados à atividade humana. Ela se torna um meio de salvação, porque é o seu próprio excesso que nos impele para a frente, incita nossa imaginação preguiçosa e nos leva a fazer grandes descobertas, que aumentam o bem-estar dos que devem passar por este globo depois de nós.”

“Cada um de nós é um anel dessa cadeia sublime e misteriosa que liga todos os homens entre si, bem como com a Criação inteira, e que jamais, em parte alguma, poderiam ser quebradas.”

“Depois da morte, os órgãos esgotados precisam de repouso, e o corpo devolve à terra os elementos de que se

constituem, ao infinito, os seres que se sucedem. Mas a vida renasce da morte.”

“Ao partir, levamos conosco a lembrança dos conhecimentos aqui adquiridos; o mundo para onde iremos nos dará os seus e nós os agruparemos todos em feixes, para deles formar o progresso.”

“Entretanto, arriscou a moça, haverá um termo, um inevitável fim, tão afastado quanto o suponhas.

– Por que limitar a eternidade, depois de a ter admitido em princípio?

Aquilo que se chama o fim do mundo é apenas uma figura. Jamais houve começo e jamais haverá fim do mundo. Tudo vive, tudo respira, tudo é povoado. Para que o juízo final pudesse chegar, seria preciso um cataclismo geral, que fizesse o Universo inteiro entrar no nada. Deus, que tudo criou, não pode destruir sua obra. Para que serviria o aniquilamento da vida?”

“Sem dúvida a morte é inevitável. Mas, melhor compreendida no futuro, esta morte que nos apavora, não se dará senão na hora prevista, talvez esperada, da partida, para fornecer uma nova etapa. Um chega, outro se põe a caminho, e a esperança enxuga as lágrimas que ocorrem no instante do adeus. A imensidade, o infinito, a eternidade prolongam suas perspectivas aos nossos olhos ávidos, cujo desconhecido nos atrai. Já mais aperfeiçoados, faremos uma viagem mais bela, depois partiremos ainda outra vez, e sempre marcharemos, elevando-nos incessantemente, pois depende de nós que a morte seja a recompensa do dever cumprido, ou o castigo, quando a obra encomendada não tiver sido feita.”

“Em qualquer lugar que estejamos no Universo, prendemo-nos por laços misteriosos e sagrados, que nos tornam

solidários uns com os outros, e recolheremos fatalmente a colheita do bem e do mal que cada um de nós semeou atrás de si, antes de partir para a grande viagem.”

“A criança que nasce traz seu germe de progresso; o homem que morre deixa o seu lugar para que, depois dele, o progresso se realize e ele continue a trabalhar, levando alhures, e a um outro ser, sua alma aperfeiçoada.”

“Aqueles a quem deves a luz expiaram nesta vida as faltas de um passado misterioso. Sofreram, mas sofreram corajosamente. O Deus de amor e de misericórdia necessitava deles, sem dúvida, para uma missão mais importante em outro mundo. Ele os chamou a si, concedendo-lhes assim o salário merecido antes que o dia tivesse acabado.”

(A propósito de uma jovem que, ainda criança, operava curas surpreendentes, indicando os remédios por intuição).

Isto fez ruído, e a principal autoridade, o cura, inquietou-se e interveio. A criança fazia, por meios naturais, o que nem o médico com sua ciência, nem o cura com suas preces, era capaz de obter!... Evidentemente ela era possessa. Para os homens de pouca fé e inteligência obtusa, é Deus que, com o propósito de nos castigar, como se não tivesse a eternidade à sua frente, ou de nos provar, como se não soubesse o que vamos fazer, nos envia todos os males, os flagelos de todo o gênero, as ruínas, a perda dos que nos são caros. Ao contrário, é Satã quem dá a prosperidade, faz encontrar tesouros, cura os doentes, e nos prodigaliza todas as alegrias deste mundo. Enfim, segundo eles, Deus faz o mal, enquanto o diabo é ao autor de todo o bem. Então Maria foi exorcizada, rebatizada ao acaso, a fim de que não pudesse mais aliviar os seus semelhantes. Mas nada adiantou: ela continua a fazer o bem ao seu redor.

– Mas tu, que sabes tudo, Paul, que dizes de tudo isto?

– Se jamais creio no que minha razão repele, respondeu o jovem conde, não nego os fatos atestados por numerosas testemunhas, só porque a Ciência ainda não os sabe explicar. Deus deu aos animais o instinto de ir direto à planta que pode curar as raras doenças que os atingem. Por que nos teria recusado esse precioso privilégio? Mas o homem saiu dos caminhos que o Criador lhe havia fixado; pôs-se em hostilidade com a Natureza, cujos avisos deixou de escutar. O facho extinguiu-se nele, e a Ciência veio substituir o instinto que, no seu orgulho de novo-rico, negou, combateu, perseguiu, aniquilou tanto quanto nela estava fazê-lo. Mas quem pode afirmar que não sobrevive em alguns seres simples e primitivos, decididos a se esclarecerem docilmente por todos os lampejos que entrevêm, animados que estão do desejo de vir em auxílio aos sofrimentos alheios? Quem sabe se Maria, tendo vivido outrora entre essas populações na infância, entre as quais ainda sobrevive o instinto e que sabem segredos maravilhosos, ou então em algum mundo mais adiantado, de onde suas faltas a fizeram decair, Deus não lhe permite recordar-se de coisas que os outros esqueceram?

“Não são certos conhecimentos, para cada um de nós, que parecem reencontrar-se em nós, tão fácil nos é o seu estudo, ao passo que outros não podem penetrar em nosso espírito, sem dúvida porque vêm feri-lo pela primeira vez, ou porque várias gerações acumularam sobre tais conhecimentos montanhas de ignorância e de esquecimento?”

(A propósito das visões nos sonhos).

“É a alma mantida no seu exílio que conversa com a alma desprendida de sua parte terrena; por isso essas visões são iluminadas por um raio luminoso, que deixa entrever aos pobres humanos quanto é resplandecente o ponto onde chegaram os que souberam dirigir o seu esquife no oceano perigoso, onde flutua a existência.”

“Por certo, em mundos diferentes, nossos corpos se constituem de elementos diferentes, e aí revestimos outro envoltório, mais perfeito ou mais imperfeito, conforme o meio onde devem agir. Mas é sempre certo que esses corpos vivem, animados pelo mesmo sopro de Deus; que a transmissão das almas se faz, nuns como nos outros inumeráveis planetas que povoam o espaço infinito, e que sendo a emanção mesma de Deus, existem identicamente as mesmas, em todos os mundos. Do outro lado da vida, ele nos dá uma alma sempre purificada, que permite que nos aproximemos incessantemente do céu; só a nossa vontade por vezes a faz desviar-se do reto caminho.

– Entretanto, Paul, ensinam-nos que ressuscitaremos com os nossos corpos de hoje!

– Tudo isto é loucura e orgulho! Nossos corpos não são nossos, mas de todo o mundo, dos seres que ontem devoramos, dos que nos devorarão amanhã. São de um dia; a terra no-los empresta e no-los retomarà. Só a nossa alma nos pertence; só ela é eterna, como tudo quanto vem de Deus e a ele retorna.”

Dissertação Espírita

LUTA DOS ESPÍRITOS PARA VOLTAR AO BEM

(Paris, 24 de março de 1867 – Médiun: Sr. Rul)

Obrigado, caro irmão, por vossa compaixão por aquele que expia pelo sofrimento as faltas cometidas; obrigado por vossas boas preces, inspiradas por vosso amor aos vossos irmãos. Chamai-me algumas vezes; será um encontro a que jamais faltarei, ficai certos. Disse numa comunicação dada na Sociedade que, depois de ter sofrido, me seria permitido vir dar minha opinião sobre algumas questões de que vos ocupais. Deus é tão bom que, depois de me haver imposto a expiação pelo sofrimento, teve piedade de meu

arrependimento, porque sabe que se eu fali, foi por fraqueza, e que o orgulho é filho da ignorância. É-me permitido instruir-me, e se não posso, como os Espíritos bons que deixaram a Terra, penetrar os mistérios da Criação, posso estudar os rudimentos da ciência universal, a fim de progredir e ajudar os meus irmãos a progredirem também.

Dir-vos-ei a relação que existe entre o estado da alma e a natureza dos fluidos que a envolvem em cada meio em que momentaneamente ela é colocada. E se, como vos foi dito, a alma pura saneia os fluidos, crede bem que o pensamento impuro os vicia. Julgai que esforços deve fazer o Espírito que se arrepende, para combater a influência desses fluidos de que é envolvido, aumentada ainda pela reunião de todos os maus fluidos que lhe trazem, para o sufocar, os Espíritos perversos. – Não creiais que me baste querer melhorar-me, para expulsar os Espíritos orgulhosos que me rodeavam durante minha estada na Terra. Eles estão sempre perto de mim, procurando reter-me em sua atmosfera insalubre. Os Espíritos bons vêm esclarecer-me, trazer-me a força de que necessito para lutar contra a influência dos Espíritos maus, afastando-se depois e me deixando entregue às minhas próprias forças, para lutar contra o mal. É então que eu sinto a influência benfazeja de vossas boas preces, porquanto, sem o saber, continuais a obra dos Espíritos bons de além-túmulo.

Como vedes, caro irmão, tudo se encadeia na imensidade; todos somos solidários uns com os outros, e não há um só pensamento bom que não leve consigo frutos de amor, de melhora e de progresso moral. Sim, tendes razão de dizer de vossos irmãos que sofrem que basta uma palavra para explicar o Criador; que esta palavra deve ser a estrela que guia cada Espírito, seja qual for o grau da escala espírita a que pertença por todos os seus pensamentos, por todos os seus atos, nos mundos inferiores, como nos superiores; que esta palavra, o evangelho de todos os séculos, o alfa e o ômega de toda ciência, a luz da verdade eterna, é amor!

Amor de Deus, amor de seus irmãos. Ditosos os que oram pelos irmãos que sofrem. Suas provações na Terra tornar-se-ão leves, e a recompensa que os espera estará acima de suas expectativas!...

Como vedes, caro irmão, o Senhor é cheio de misericórdia, visto que, a despeito de meus sofrimentos, permite-me vir falar-vos a linguagem de um Espírito bom.

A...

Allan Kardec